



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE LETRAS –CAMPUS III
CURSO DE LETRAS

DANIELA COSTA DOS SANTOS

**A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO CAUSO
SAMARICA PARTEIRA**

GUARABIRA - PB
2015

DANIELA COSTA DOS SANTOS

**A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO CAUSO
SAMARICA PARTEIRA**

Trabalho apresentado à Coordenação do
Curso de Licenciatura em Letras da
Universidade Estadual da Paraíba – UEPB
como requisito parcial para a obtenção do
Grau de Licenciada em Letras.

Orientadora: Prof.^a Dra. Adriana Sales Barros

GUARABIRA – PB

2015

S237v Santos, Daniela Costa dos
A variação linguística no caso Samarica Parteira
[manuscrito] / Daniela Costa dos Santos. - 2015.
29 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2015.
"Orientação: Adriana Sales Barros, Departamento de Letras".

1. Sociolinguística Variacionista. 2. Linguagem. 3. Variação
Linguística. I. Título.

21. ed. CDD 410

DANIELA COSTA DOS SANTOS

A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO CAUSO SAMARICA PARTEIRA

Trabalho apresentado à Coordenação do
Curso de Licenciatura em Letras da
Universidade Estadual da Paraíba – UEPB
como requisito parcial para a obtenção do
Grau de Licenciada em Letras.

Aprovada em: 03/12/2015

BANCA EXAMINADORA

Adriana Sales Barros

Orientadora: Prof.^a Dra. Adriana Sales Barros
Orientadora

Eneida O. Dornellas de Carvalho

Prof.^a Dra. Eneida Oliveira Dornellas de Carvalho
Examinadora

Cleuma Regina Ribeiro da Rocha Lins

Prof.^a Me. Cleuma Regina Ribeiro da Rocha Lins
Examinadora

Para Asafe e Amparo

“Quem procura ter sabedoria
ama a vida, e quem age com
inteligência encontra a
felicidade”

Salomão

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pelo dom da vida e pelas oportunidades que me concedeu até aqui.

A esta universidade, seu corpo docente, direção e administração que fizeram parte da minha trajetória acadêmica, nesse primeiro degrau na educação superior.

A minha orientadora, a queridíssima Dr^a Adriana Sales Barros, pelo suporte, correções e incentivos.

A minha família, em especial minha mãe Amparo, sem a qual eu não teria chegado até aqui.

As amigas que Deus me deu no decorrer do curso, as quais, amo como irmãs, Elany, Geciane e Mônica, que me ajudaram muitíssimo durante minha gravidez no início do curso.

E a todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigado.

RESUMO

Este trabalho é o resultado de um estudo em torno da Sociolinguística Variacionista, que tem como idealizador LABOV (1972). Com base nessa teoria foi levantado o nome do compositor e intérprete da música popular brasileira, Luiz Gonzaga do Nascimento, mais conhecido por “Luiz Gonzaga” ou “Rei do baião”, o qual prima pela linguagem regional nordestina, e dentro de suas composições delimitamos o caso Samarica Parteira, com o intuito de realizar a interface entre a variação linguística e características da linguagem do nordeste, onde destacamos as características linguísticas e não linguísticas e o eixo variante no qual a composição insere-se. Para atingirmos nossos objetivos fez-se necessário a distribuição do estudo em tópicos, onde baseados em BORTONI (2005), MOLLICA (2013), SOUZA (2005) e TARALLO (1985), fizemos o estudo do primeiro tópico, destacando o que é a sociolinguística variacionista e as características que envolvem o processo da variação linguística. O segundo tópico trata da vida e obra de Luiz Gonzaga, com base em TELES (2011). Por fim, temos a análise do caso, onde demonstramos a variação linguística presente na composição, através das características pertinentes ao fenômeno da variação linguística.

Palavras - chave: Sociolinguística Variacionista, linguagem.

1. INTRODUÇÃO

A comunicação é um ato necessário para a convivência humana e ocorre através do processo de emissão, transmissão e recepção de mensagens por meios de métodos ou sistemas. Para que esse processo se desenvolva faz-se necessária a utilização da língua, que sendo utilizada de forma falada ou escrita, oferece maneiras diversificadas para a comunicação ocorrer de modo eficiente.

A Sociolinguística chama as diferentes formas de adaptação da língua, de Variação Linguística. Essas diferentes formas de falar sofrem influências em três eixos: Diatópico, Diastrático e Diafásico, e ainda são influenciadas por Variáveis Linguísticas e Não Linguísticas. Todas essas características serão abordadas no decorrer deste trabalho. A partir das influências citadas, este trabalho tem como objetivo principal, mostrar a variação linguística presente no caso Samarica Parteira, de autoria de Luiz Gonzaga. Identificar as variações presentes no referido caso onde o compositor demonstra através de sua linguagem, o apreço pelas tradições nordestinas. E analisar os tipos de variações, considerando o contexto diatópico, diafásico e diastrático constitutivo no referido caso a vida e obra de Luiz Gonzaga como base, a fim de realizar um breve estudo sobre as variações linguísticas, cuja base teórica é a Sociolinguística Variacionista.

Este estudo será distribuído em tópicos, para que gradativamente possamos alcançar nossos objetivos. O primeiro tópico trará um estudo sobre a Sociolinguística Variacionista onde destacaremos o que representa cada eixo variante anteriormente citados e quais são os fatores linguísticos e não linguísticos envolvidos no processo da variação. No segundo tópico faremos um levantamento sobre a vida e obra de Luiz Gonzaga, a fim de identificarmos características históricas e regionais que venham condizer com a composição posteriormente analisada, por fim, já embasados com toda significação dos termos anteriormente citados, faremos a análise do caso Samarica Parteira

Este trabalho se propõe a contribuir na conscientização dos falantes da língua portuguesa, alegando que não há uma “língua correta” utilizada por seres superiores e uma “língua errada” falada por seres inferiores e sim, variedades que necessitam ser conhecidas e analisadas, sobretudo valorizadas, como forma de identidade sociocultural de cada comunidade de fala.

2. A SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA

A sociolinguística ou Teoria da Variação é uma subárea da Linguística que surgiu a partir da constatação da importância da fala. Essa importância foi estabelecida em um congresso no ano de 1964 na Universidade da Califórnia, Los Angeles, EUA. O congresso organizado por William Bright contou com a participação de importantes estudiosos da Sociolinguística mundial como: William Labov, Bell Hymes e John Gumperz (SOUSA, 2005, p.153)

O idealizador dessa teoria é o americano William Labov (1927), que a “propôs como uma reação à ausência do componente social no modelo gerativo” (TARALLO,1985, p.7). Insistindo na relação entre a língua e a sociedade, tornou o estudo do uso da língua nas comunidades de fala, o pressuposto básico da sociolinguística. Uma vez que “esta ciência se faz presente num espaço interdisciplinar, na fronteira entre língua e sociedade” (MOLLICA, 2013, p. 9).

A língua do ponto de vista da Sociolinguística é uma estrutura diversificada, propensa à variações. Sobre o assunto, Bortoni,(2005, p. 20) afirma:

A sociolinguística se ocupa principalmente das diversidades nos repertórios linguísticos das diferentes comunidades conferindo às funções sociais que a linguagem desempenha a mesma relevância que até então se atribuía tão- somente aos aspectos formais da língua.

Ou seja, seu principal objeto de estudo é a língua falada, em uso real, pois a língua é um instrumento complexo e oferece várias possibilidades de utilização para poder de forma eficiente, fazer acontecer a comunicação nas mais diversas situações que o falante necessite da língua.

Passemos adiante no intuito de observarmos as características que envolvem o estudo da língua em suas diversidades.

2.1 VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

A comunicação é necessária desde o primórdio das civilizações e seja ela falada ou escrita, necessita ser regida por regras de alguma língua¹. A língua por sua vez, oferece maneiras diversificadas para que ocorra a comunicação, tais diversidades são consideradas pela Sociolinguística como Variações Linguísticas, as quais possuem regras que levam a comunicação a ocorrer de maneira adequada e eficiente de acordo com a situação. Mollica,(2013; p. 15) afirma:

Vale repetir que o pressuposto básico do estudo da variação no uso da língua é o de que a heterogeneidade linguística, tal como a homogeneidade, não é aleatória, mas regulada, governada por um conjunto de regras.

Ou seja, a utilização de alguma forma de variação deve ser feita de forma concisa e de acordo com o contexto, levando em conta tanto os fatores linguísticos como os não linguísticos para que haja inteiração na comunicação.

A variação linguística, no caso, surge da necessidade de comunicação que há entre as pessoas e para que aconteça, a língua em sua diversidade oferece oportunidades, mas sem deixar a linguagem ao acaso. A heterogeneidade linguística é exatamente as possibilidades que a língua oferece de ser utilizada de diferentes maneiras, com a finalidade de dizer algo linguisticamente equivalente.

O fenômeno da variação ocorre através de fatores Variantes e Variáveis, que influenciam diretamente na comunicação. Passaremos agora a discorrer sobre esses fatores.

2.2 VARIANTES OU VARIEDADES

Os eixos Variantes são três: Diatópico, Diastrático e Diafásico. O diatópico é quando há diferenças no modo de falar de acordo com a região.

1. Há duas concepções acerca do que é língua a concepção Estruturalista e a Interacionista. A concepção estruturalista diz que Língua é um sistema formado por estruturas gramaticais interrelacionadas, enquanto a concepção Interacionista tem “a visão de língua como um meio de interação sociocultural, que obviamente está estreitamente ligada à concepção interacionista de aprendizagem” (OLIVEIRA,2010; p.32-34)

Essas variações podem ser **fonéticas** (sons diferenciados), **lexicais** (mudanças vocabulares) ou **sintáticas** (elementos de uma frase), sendo que “a variação é contínua e, em nenhuma hipótese, é possível demarcarem-se nitidamente as fronteiras em que ela ocorre” (MOLLICA, 2013, p.13).

O segundo eixo, o diastrático, acontece quando há diferenças no modo de falar, influenciadas por fatores socioeconômicos. Essas variações também ocorrem nas ordens fonética, lexical ou sintática. É Mollica, (2013,p.16) quem enfatiza que, “entre os fatores sociais, as categorias mais atuantes parecem ser idade, sexo, nível socioeconômico e formação escolar”, são esses os fatores que mais influenciam as variações diastráticas. E por fim o diafásico em que ocorrem diferenças de acordo com o contexto interacional ou do meio usado para a comunicação, ou seja, o falante utiliza a língua da forma que acha adequado para a situação em que se encontra. “Desse modo, incorporam-se questões como a escolha do estilo que se impõe ao falante para acomodar-se ao seu interlocutor” (MOLLICA, 2013, p.13).

Terminamos, aqui, as definições dos termos variantes e passaremos agora a nos informar a respeito das definições das variáveis.

2.3 VARIÁVEIS

Em face da heterogeneidade da língua, torna-se necessária a utilização de estruturas controladoras da linguagem, para que haja uma sistematização previsível. Essas estruturas são conhecidas como Variáveis e subdividem-se em Variáveis Linguísticas e variáveis não Linguísticas. Mollica, (2013,p. 27) declara:

As variáveis, tanto linguísticas quanto não linguísticas, não agem isoladamente, mas operam num conjunto complexo de correlações que inibem ou favorecem o emprego de formas variantes semanticamente equivalentes.

As variáveis são, no entanto, as possibilidades de realização das variantes. Partindo desse pressuposto, ocupemo-nos agora em discorrer sobre as características das duas categorias de Variáveis.

2.3.1 VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS

As variáveis linguísticas, como o próprio nome acusa, são as variáveis que influenciam nos termos linguísticos. Essas variáveis também recebem o nome de variáveis internas, por fazerem parte do sistema interno da língua. São elas: as variáveis fonológicas referentes às possibilidades de se dizer uma mesma coisa de modo semanticamente equivalente. Uma vez que “para uma determinada categoria linguística, existam pelo menos duas possibilidades de representação superficial disponíveis para os membros de uma mesma comunidade de fala” Mollica, (2013,p. 73).

As variáveis morfossintáticas são as que agrupam tanto fatores morfológicos, quanto fatores sintáticos e sobre essa variável (MOLLICA, 2013, p.81) destaca:

É difícil atribuir, de maneira precisa, um determinado fenômeno linguístico a um dos níveis da gramática, dada a inter – relação que eles mantêm entre si. Fatores simplesmente afetos à área da morfologia aparecem influenciando o surgimento de uma ou outra manifestação da variável, assim como acontece com os fatores relacionados à sintaxe.

É o mesmo que dizer que essas duas características são tão intrínsecas que tornam - se uma “Morfossintaxe”, porém em se tratando da realização separada de ambas, temos os fatores morfológicos, que atuam sobre a concordância de número entre os elementos do sintagma nominal, enquanto os fatores sintáticos influenciam nos termos da oração.

As variáveis semânticas são consideradas como auxiliares para os estudos de significação da linguagem, para obtenção de resultados consistentes, e de acordo com Mollica, (2013, p. 89):

É importante ressaltar que o caminho que leva à definição destes parâmetros não está livre de obstáculos. Ao contrário, os limites entre as categorias nem sempre são nítidos; muitas vezes as definições frequentemente ambíguas, têm de dar conta de diferenças sutis e escorregadias. Outro complicador é o fato de uma mesma categoria semântica pode ser expressa em níveis distintos.

Ou seja, as definições de significação são um tanto complexas, principalmente porque há diversas possibilidades de utilização da linguagem, expandindo assim, as possibilidades de significação.

As variáveis discursivas estudadas na perspectiva variacionista retratam o status informacional e os aspectos relacionados à coesão textual e contraste. De acordo com Mollica,(2013) o status informacional é referente aos estudos de Prince (1981) e Chafe (1987). Embora haja superposição entre os conceitos, os mesmos partem de opiniões diferentes, ou seja, o primeiro foca no status informacional do texto, na sequência, enquanto o segundo foca na consciência dos interlocutores.

Os aspectos referentes à coesão foram propostos por Halliday e Hasan (1976), e podemos tratar da coesão quando a interpretação de algum elemento no discurso depende da interpretação de outro elemento. Trata - se de um conceito semântico que realiza - se através de instrumentos lexicais e gramaticais. Por fim, os aspectos referentes ao contraste, que surgiu através dos estudos de Paredes Silva (1988), Oliveira Braga (1997) e Gryner (1990).

Partiremos agora, à averiguação dos fatores que influenciam as variáveis não linguísticas.

2.3.2 VARIÁVEIS NÃO LINGUÍSTICAS

As variáveis não linguísticas ou externas, referem- se aos fatores externos ao sistema linguístico, tais como: Sexo/gênero, escolaridade, linguagem e contexto. Passemos agora, a avaliar esses fatores.

Sexo é uma categoria biológica, gênero é uma categoria social. Na Sociolinguística esta é uma interação muito forte, por isso chamada “Sexo/gênero”. As diferenças mais evidentes entre a fala de homens e mulheres situam- se no plano lexical e as variáveis referentes ao sexo/gênero focalizam principalmente o prestígio social. Mollica,(2013,p. 33) fala sobre a característica dizendo que:

A análise da dimensão social da variação e da mudança linguística não pode ignorar, no entanto, que a maior ou menor ocorrência de certas variantes principalmente daquelas que envolvem o binômio forma padrão/ forma não padrão e o processo de implementação de mudanças estejam associados ao gênero/sexo do falante e à forma de construção social dos papéis feminino e masculino.

Ou seja, as mulheres tendem a escolher formas linguísticas com maior sensibilidade, assumindo uma postura conservadora, enquanto os homens se adequam mais facilmente à variantes desprestigiadas socialmente.

De acordo com Mollica,(2013) o fator “escolaridade” trata a escola como a maior influência quando trata-se de mudanças, pois é através da frequência de um indivíduo à escola, que ocorrerão as mudanças na fala e escrita dos mesmos. Por outro lado, a escola atua como preservadora das formas prestigiadas, frente às mudanças que ocorrem diariamente nas comunidades.

As formas prestigiadas, acima citadas, são frutos da literatura oficial, que transforma em língua padrão as formas prestigiadas, e para implementar esse sistema na comunidade, a escola estabelece categorias como dinâmica de interação.

A primeira categoria é a forma de prestígio social, a segunda é o fenômeno estigmatizado e fenômeno imune à estigmatização, a terceira categoria retrata os fenômenos de ensino escolar, focando as práticas que fogem às normas da escola, por fim, o ato comunicativo que é dividido em duas modalidades: a fala e a escrita.

Na primeira categoria, entra em foco a questão do status econômico. As pessoas de status elevado, são superiores socioeconomicamente falando, automaticamente seus falares são superiores ao das pessoas que não possuem prestígio social e econômico.

A segunda categoria nomeia a marca (estigma) social. O modo de se comunicar das pessoas desprovidas de prestígio social e econômico, torna-se coletivamente avaliado, estigmatizado, ou seja, como inferior aos termos estéticos e informativos.

A terceira categoria retrata os fenômenos que a escola controla. “Por um lado, a escola controla, evita e pune, com veemência, o uso de formas com supressão e/ou troca de línguas, como “framengo” e “pobrema” (MOLLICA,2013,p.53), mas “por outro lado, é conivente com formas redundantes, do tipo, há anos atrás” (MOLLICA,2013,p.53).

A quarta categoria faz oposição aos fenômenos controlados pelos fatores gramaticais que fazem parte da oração e do período, associados aos fatores discursivos. A linguagem e o contexto, a forma concreta da união de aspectos internos ao discurso com a realidade social em que se insere. O estudo da utilização da linguagem em relação aos contextos sociais, objetiva revelar as normas linguísticas de uma comunidade através das variações estilísticas observadas desde o ambiente mais informal ao mais formal.

Partindo do breve estudo das características da variação linguística, passaremos agora, à leitura sobre a vida e obra de Luiz Gonzaga. Dentro de sua obra musical, trabalharemos posteriormente com uma de suas composições, sendo de suma importância conhecermos suas características socioculturais, para que, venhamos obter melhor interpretação da obra escolhida, afim de concluirmos nosso estudo sobre a Variação Linguística de maneira eficiente.

3. VIDA E OBRA DE LUIZ GONZAGA

Luiz Gonzaga do Nascimento, conhecido por “O rei do baião”, “Lula” ou simplesmente “Luiz Gonzaga” nasceu no dia 13 de dezembro de 1912, na fazenda Caiçara, povoado de Araripe na cidade de Exu. “Era dia de Santa Luzia, então os pais deram-lhe o nome de Luiz. Mais um “Gonzaga”, por ser sobrenome santo. E Nascimento, por ser o mês em que Jesus veio ao mundo” (TELES, 2011,p.7)

Filho de Januário José dos Santos e Ana Batista de Jesus (Santana), “Lula” como era conhecido no povoado, herdou o gosto de tocar sanfona do pai, que era um famoso tocador na região. Quando pequeno, aproveitava a ausência do pai e mexia no instrumento do seu pai, mesmo sem a aprovação da mãe e logo aprendeu a tocar, passando a acompanhar o pai nas apresentações. “Poderia ter passado o resto de seus anos como mais um sanfoneiro conhecido apenas naqueles confins do sertão [...] mas o destino não quis” (TELES, 2011,p. 11) e a partir dali nascia aos 15 anos uma estrela da música brasileira.

Aos 17 anos, no intuito de esquecer seu primeiro amor, Lula entrou no exército em Fortaleza. Nessa época ele deixou a sanfona de lado e cuidou apenas nas obrigações militares e “a música brasileira correu o risco de ficar sem um dos seus maiores talentos” (TELES, 2011,p.13), mas em 1933, Lula retoma seu cuidado com a música, tenta tocar violão e corneta, porém a saudade de sua terra o fez comprar uma sanfona para mostrar aos seus amigos os temas que trouxe de Araripe.

Em 1939 Luiz Gonzaga ao completar o tempo limite de serviço, sai do exército e com 27 anos, viaja ao Rio de Janeiro, onde passa ganhar a vida a tocar nas ruas em troca de gorjetas ofertadas por quem passava no local. Mais tarde, já conhecendo algumas pessoas a cidade e sentido firmeza no trabalho que fazia

tentou a sorte em um famoso programa de calouros, apresentado por Ary Barroso, o qual tinha o nome de “A grande chance”, onde apresentou a música “Vira e mexe” que lhe rendeu nota máxima e 150 mil réis, foi aí o ponto de partida para sua carreira promissora (TELES, 2011, p. 17-20).

A porta da fama foi se abrindo para Luiz e começaram a vir os convites e reconhecimento. A primeira grande oportunidade de trabalho veio através do radialista Zé do Norte, no programa “A hora Sertaneja”, onde foi contratado pela rádio Nacional “a mais importante e de maior audiência no país” (TELES, 2011,p. 23). Luiz Gonzaga nunca foi bom compositor e em uma entrevista ele declara nitidamente: “Eu nunca fui nem compositor, nem letrista. E sempre fui dependente de um bom poeta. Eu não gosto de fazer uma música do início ao fim, e as poucas que eu fiz não se deram bem [...] Eu sempre fui um sanfoneiro” (VIDA DE VIAJANTE in: TELES,2011,p.44).

Desse modo, Luiz Gonzaga contou com muitos companheiros para compor suas canções, ele fazia um arranjo, interpretação e modificações que o faziam na prática coautor das músicas. Seu primeiro grande parceiro foi o cearense Humberto Teixeira, bacharel em direito que fechou o escritório para se dedicar à música. A primeira música que fizeram juntos foi *No meu pé de serra*, em seguida *Baião*, que foi o auge do sucesso na época, a primeira gravação de Baião, aconteceu no ano de 1946.

No final dos anos 40 Luiz Gonzaga decide voltar à terra natal e em uma de suas músicas conta como foi essa volta. Ele relembra que chegou e casa tarde da noite e chamou o pai pelo nome sem obter resposta, foi quando lembrou que no sertão há costumes a esse respeito. “Ah, lembrou Lula, precisava do prefixo”. E gritou: “Louvado seja Deus!” E lá de dentro, Januário: “Deus seja louvado!” (TELES,2011, p.28). A música que retrata esse episódio é o baião “Respeita Januário”.

Aos 35 anos Luiz Gonzaga foi a primeira vez à Recife, onde conheceu o estudante de medicina José Dantas de Souza Filho, mais conhecido por Zé Dantas. Também sertanejo, Zé Dantas era filho de um abastardo comerciante e dono de fazenda, o jovem tinha muita facilidade em compor músicas que falavam do seu povo e do sertão, logo fizeram parceria. A primeira composição feita por Zé Dantas e mostrada à Luiz Gonzaga foi o grande sucesso *Vem Morena* , a partir daí vieram muitos outros sucessos como: Riacho do navio, A volta da Asa Branca, Xote das

meninas, Samarica Parteira, Acauã, dentre outras. A parceria com Zé Dantas durou muitos anos.

Em 1962, Luiz Gonzaga estava com 50 anos e a época do Baião já não era a mesma, nesse período Gonzaga se apoiou na composição *Pronde tu vai baião?* De João Vale e Sebastião Rodrigues. No mesmo ano Luiz sofreu um acidente de carro onde teve traumatismo craniano e perdeu a visão de um olho e passou a ser sempre visto de óculos escuros após a recuperação. Logo que se recuperou, Luiz passou a cantar mais na sua região e no sertão da Paraíba conheceu José Marcolino, um fã que escrevia muito bem e resolveu mostrar suas composições ao Rei do Baião que aprovou logo se fez parceiro de José Marcolino, em 1962 gravou seis de suas composições no LP *Véio Macho* e nos seguintes gravou mais quatro.

Em 1965, Luiz gravou *Triste Partidado* poeta cearense Patativa do Assaré, que não aprovou a parceria, mas a canção tornou-se um clássico da música popular brasileira graças a voz de Luiz Gonzaga. A partir de 1964, o baião vai perdendo o brilho e desanimando Luiz Gonzaga que passaria um ano sem lançar LP. Apenas em 1967 voltou a gravar e lançou o LP *Oia eu aqui de novo*. O disco fez sucesso no Nordeste, porém tocou pouco tempo (TELES, 2011,p. 73).

Aos 55 anos, o Rei do Baião decidiu se aposentar e ao chegar em Caruaru pede uma música ao amigo e compositor Onildo de Almeida que lhe deu a música *A feira de caruarue A hora do adeus*. Mas ainda não foi o fim de sua carreira. No ano de 1972, Luiz Gonzaga fez uma turnê com o filho Gonzaguinha. Lançaram o disco *O canto jovem de Luiz Gonzaga*. No mesmo ano fez uma temporada no Rio de Janeiro, o show recebeu o nome de “Luiz Gonzaga volta pra curtir”. A mudança foi geral nesse ano, inclusive na vida amorosa, pois conheceu uma jovem pernambucana chamada Eldezuíta Rabelo, por quem se apaixonou e passou a ter um romance.

Ainda em 1972 lançou o álbum *São João Quente*, o qual teve por grande sucesso, a música *Ovo de codorna* (Severino Ramos). Em 1973 lançou o álbum *O Fole Roncou*. Em 1980 completava meio século desde o dia que o jovem Luiz saíra de casa sem destino e tinha se transformado um ícone importante da música brasileira, mas estava chegando ao fim desse brilho tão intenso. Na fase final da carreira, Luiz Gonzaga contou com o companheiro João Silva, seu conterrâneo. João Silva foi o terceiro parceiro mais importante de Luiz Gonzaga, isso em quantidade de composições gravadas (TELES, 2011,p.85). O primeiro álbum dessa

parceria foi *Danado de bom* em 1984 e em 1987 lançaram o disco *De Fi a Pavido* qual tem o maior sucesso a composição *Nem se despediu de mim*.

Em 1987, Luiz Gonzaga decidiu fazer uma plástica no olho para reparar o dano causado pelo acidente que deixara sua visão prejudicada e nos exames descobre um câncer de próstata, foi quando se separou da esposa Helena e assume publicamente o relacionamento com Edelzuíta e passou a fazer poucos shows.

No ano de 1988 lança o último trabalho na gravadora RCA, onde trabalhou durante quase toda carreira. O LP intitulado *ABC do Sertão* foi gravado em dupla com Fagner e antes de encerrar contrato com a gravadora, recebeu um presente, uma coletânea com a retrospectiva de sua carreira, continha cinco discos e o nome “Cinquenta anos de chão”.

Em 1989 fecha o ciclo de suas gravações com o lançamento do álbum *Vou te matar de cheiro*. No dia 2 de junho de 1989, o Rei do Baião recebe uma homenagem, um show tributo no teatro Guararapes em Recife (TELES, 2011, p.86)

Muito debilitado com a doença foi internado no hospital SANTA JOANA, no Recife, onde faleceu na noite do dia 2 de agosto de 1989 e foi levado no dia seguinte à Juazeiro, onde foi enterrado no mausoléu da família.

Morreu o artista e ficou um legado perfeito para as novas gerações, um artista que junto com arte valoriza a vida, a natureza, que canta a realidade do seu povo e tudo é expresso na sintonia perfeita da sua musicalidade.

Passaremos agora, a analisar um caso escrito por Luiz Gonzaga e seu parceiro musical mais importante, que cantou de forma singular o sertão, o Nordeste.

4. A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO CAUSO SAMARICA PARTEIRA

Samarica Parteira é uma composição de Zé Dantas, um dos mais importantes parceiros musicais de Luiz Gonzaga. O caso possui duas versões, na primeira versão, Zé Dantas intitulou de “O parto de dona Juvita”. “Vale ressaltar que o não ser autor de determinada música em nada desmerece o talento e a obra de Luiz Gonzaga” (TELES, 2011, p.45), pois como de costume fazia suas modificações e arranjos ao seu modo, coisa que o diferenciava e o enaltecia com ao grandioso

talento. Com “O parto de dona Juvita” não poderia ser diferente, Gonzaga fez suas modificações e intitulou a composição de “Samarica Parteira”.

O caso conta de forma humorada a descrição de um parto no sertão nordestino, onde o autor prima pela utilização da linguagem cotidiana do sertanejo. É como afirma (ANDRADE, 1926) “São simplesmente estupendas, muito caráter, muita força expressiva, uma expressão que não podia ser de ninguém desse mundo senão de brasileiro. E isto além de falar de coisas bem brasileiras” (in Modernismo e Regionalismo).

O que regia o caráter de Luiz Gonzaga era exatamente essa característica, do falar de coisas brasileiras, de modo brasileiro, no seu caso, o falar de coisas nordestinas de modo sertanejo, o que lhe faz um defensor involuntário das tradições nordestinas, sobretudo da linguagem.

4.1 ANÁLISE DOS DADOS

A partir de agora, passaremos a analisar a composição de forma minuciosa, a fim de identificarmos as variações linguísticas presentes na obra.

SAMARICA PARTEIRA

- 1- Oi sertão!
- 2- Ooi!
- 3- Sertão d' Capitão Barbino! Sertão dos caba valente...
- 4- Tá falando com ele!...
- 5- ...e dos caba frouxo também.
- 6-...já num tô dento.
- 7- Há, há, há... [risos]
- 8- sertão das mulé bonita...
- 9- ôoopa
- 10- ...e dos caba fei' também ha, ha
- 11- ...há, há, há... [risos]

12- Lula!

13- Pronto patrão.

14- Monte na bestinha melada e risque. Vá ligeiro buscar Samarica parteira que

15Juvita já tá com dô de menino.

16Ah, mininu! Quando eu já ia riscano, Capitão Barbino ainda deu a última

17instrução:

18- Olha, Lula, vou cuspi no chão, hein?! Tu tem que vortá antes do cuspe secá!

19Foi a maior carreira que eu dei na minha vida. A eguinha tava miada.

20Piriripiripiripiripiripiripiripiriri

21uma cancela: nheeeiim ... pá...

22Piriripiripiripiripiripiripiriri

23outra cancela: nheeeiim... pá!

24Piriripiripiripir... êpa !

25Cancela como o diabo nesse sertão: nheeeiim... pá!

26Piriripiripiripiriri

27Um lajedo: patatacpatatacpatatacpatatacpatatac . Saí por fora !

28Piriripiripiripiripiripiripiripiriri

29Uma lagoa, lagoão: bluubluu, oi oi, kik' k' - a saparia tava cantando.

30Aha! Ah mininu! Na velocidade que eu vinha essa égua deu uma freada tão

31danada na beirada dessa lagoa, minha cabeça foi junto com a dela!... e o sapo

32gritou lá dedentro d'água:

33- ói, ói, ói ele agora quaje cai!

34... Sapequei a espora pro suvaco no vazi' dessa égua, ela se jogou n'água parecia

35uma jangada cearense: [bluubluu, oi oi, kik' k'] Tchi, tchi, tchi.

36Saí por fora.

37Piriripiripiripiripiripiripiripiriri

38Outra cancela: nheeeiim... pá!

39piriripiripiripiripiripiripiriri

40Um rancho, rancho de pobe...

41- Auau!

42 Cachorro de pobe, cachorro de pobe late fino...

43- Tá me estranhanocruvina?

44 Era cruvina mermo. Balançô o rabo. Não sei porque cachorro de pobe tem

45 sempre nome de peixe: é cruvina, traíra, piaba, matrinxã, baleia, piranha.

46 Há! Maguin mas caçadozin como o diabo!

47 Cachorro de rico é goordo, num caça nada, rabo grosso, só vive dormindo. Há

48 há ...num presta prá nada, só presta prá bufar, agora o nome é bonito: é white,

49 flike, rex, whisky, jummm.

50 Há! Cachorro de pobe é ximbica!

51- Samarica, ooooh, Samaricaparteeeeeira!

52 Qual o quê, aquelas hora no sertão, meu fi', só responde s'a gente dê o prefixo:

53- Louvado seja nosso senhor J'us Cristo!

54- Para sempre seja Deus louvado.

55- Samarica, é Lula... Capitão Barbino mandou vê a senhora que Dona Juvita já tá

56 com dô de menino.

57- Essas hora, Lula?

58- Nesse instante, Capitão Barbino cuspiu no chão, eu tem que vortá antes do

59 cuspesecá.

60 Peguei o cavalo véi de Samarica que comia no munturo ? Todo cavalo de

61 parteira é danado prá comer no munturo, não sei porque. Botei a cela no lombo

62 desse cavalo e acochei a cia peguei a véia joguei em riba, quase que ela imbica

63 p'outa banda.

64 - Vamos s'imbora Samarica que eu tô avexado!

65 - Vamofazê um negócio Lula? Meu cavalin' é mago, sua eguinha é gorda, eu vou

66 na frente.

67- Que é que há Samarica, prá gente num chegá hoje? Já viu cavalo andar na

68 frente de égua, Samarica? Vamos'imbora que eu tô avexado!!

69 Piriritictipiriritictipiriritictic

70 nheeeiim... pá!

71 Piriritictipiriritictic

72 bluu oi oibluu oi, uu, uu

73- ói, ói, ói ele já voltooooo!

74 Saí por fora.

75 Piriritictipiriritictipiriritictipiriritictic

76 Patateco teco teco, patateco teco teco, patateco teco teco

77 Saí por fora da pedreira

78 Piriripiriritictipiriritictic

79 nheeeiim... pá !

80 Piriritictipiriritictipiriritictic

81 nheeeiim... pá !

82 Piriritictipiriritictipiriritictic

83 nheeeiim... pá!

84 Piriripiriritictipiriritictic

85- Uuuu.

86- Tá me estranhando, Nero? Capitão Barbino, Samarica chegou.

87- Samarica chegou!!

Disponível na internet em: www.vagalume.com.br

A linguagem coloquial está presente em toda composição e de forma geral podemos dizer que o eixo variante o qual Samarica Parteira insere-se é o eixo Diatópico, pois trata-se das variações geográficas ou regionais e falando em variáveis, podemos encontrar variáveis linguísticas e não linguísticas. Vejamos:

4.2 OCORRÊNCIAS FONOLÓGICAS PERTINENTES À LINGUAGEM COLOQUIAL

- **ROTACISMO:** Substituição do –L por –R

“- Sertão do capitão Barbino!”(linha 3)

BALBINO > BARBINO

- **SÍNCOPE:** Omissão de som consonantal –R

“Um rancho, rancho de pobe” (linha 40)

POBRE > POBE

“... e o sapo gritou lá de dentro d’água” (linha 31,32)

DENTRO> DENTO

- **DESPALATIZAÇÃO:** Do–LH

“Sertão das mulé bonita” (linha 8)

MULHER> MULÉ

“aquelas hora no sertão meu fi, só responde se a gente der o prefixo” (linha 52)

FILHO > FI

- **TRANSFORMAÇÃO:** Do –V em –H, resultando no som semelhante a “house”, do inglês.

“Vamofazê um negócio Lula? Meu cahalin é mago, a sua eguinha é gorda...”
(linha 65)

CAVALINHO > CAHALIN

- **PRÓTESE:** Acréscimo de letras no início da palavra.

“-Vamos’imboraSamarica que eu tô avexado” (linha 64)

VEXADO >AVEXADO

- **ASSIMILAÇÃO:** Utilização de –I e –U no lugar de –E e –O

“Há hámininu...” (linha 16)

MENINO > MININU

- **PRONÚNCIA DE –É NO LUGAR DO DITONGO –EI**

“essa égua deu uma freada tão danada na bérada dessa lagoa” (linha 31)

BEIRADA > BÉRADA

- **ALTERAÇÃO DO SUFIXO –INHO PARA –IN**

“Maguin, mas caçadozin como diabo” (linha 46)

MAGRINHO > MAGUIN

CAÇADORZINHO > CAÇADOZIN

- **APÓCOPE:** Omissão da consoante após a sílaba tônica.

“Quando eu já ia riscano” (linha 16)

RISCANDO > RISCANO

“- Tá me estranhanocruvina?” (linha 43)

ESTRANHANDO > ESTRANHANO

4.3 OCORRÊNCIAS LEXICAIS

As ocorrências lexicais são referentes ao vocabulário, vejamos:

- “E dos caba frouxo também” (linha 5)

CABA = homem

FROUXO = medroso

- “Monte na bestinha melada e risque” (linha 14)

RISQUE = Vá rápido!

- “Juvita já tá com dô de mininu” (linha 15)

DÔ DE MININU = Dores pré-parto/ contrações

- “Uma cancela: nheeeiim...pá!” (linha 21)

CANCELA = Porteira

- “Ói,oi, oi, ele agora quaje cai” (linha 33)

QUAJE = Variação para –quase

- “Sapequei a espora pro suvaco no vazi dessa égua” (linha 34)

SAPEQUEI = Joguei/ bati

SUVACO = Axila

VAZI = Parte próxima aos órgãos genitais

- “Capitão Barbino mandou vê a senhora” (linha 55)

VÊ = Buscar

SINHORA = Senhora

- “Botei a cela no lombo desse cavalo” (linha 61,62)

LOMBO =Costas

- “Peguei a veia, joguei em riba, quaje que ela imbica p’outa banda” (linha 62,63)

EM RIBA = Em cima

IMBICA = Vira/ cai

4.4 OCORRÊNCIAS SINTÁTICAS

- **SILEPSE DE NÚMERO:** Perda da flexão plural.

“Essas hora Lula?” (linha 57)

ESSAS HORAS> ESSAS HORA

- **UTILIZAÇÃO DE POLISSÍNDETO**

“Botei a cela no lombo desse cavalo, acochei a Cia, peguei a veia, joguei em riba, quaje que ela imbica p’outa banda” (linha 61-63).

Nesse trecho, o compositor conta a cena progressivamente, o que caracteriza o polissíndeto.

4.5 VARIÁVEIS NÃO LINGUÍSTICAS

Identificaremos agora, as características das variáveis não linguísticas presentes no caso.

- **SEXO/GÊNERO**

Observemos o trecho a seguir:

“-Vamofazê um negócio Lula? Meu cahalin é mago, a sua eguinha é gorda, eu vou na frente.

-Que é que há Samarica, prá gente num chegá, já viu cahalo andar na frente de égua, Samarica? Vamos’emboraque eu to avexado!!!” (linhas 65-68)

Podemos identificar nesse trecho as características referentes ao fator Sexo/Gênero. Notemos na primeira fala que Samarica (Mulher) fala de forma suave ao tentar fazer um acordo co Lula (Homem), ela utiliza a regra de conversação conservadora, onde busca o uso de palavras prestigiadas, enquanto na segunda fala, Lula utiliza um tom de voz mais rústico, caracterizando assim, a regra do falar desprestigiado, mais comum aos homens segundo Mollica,(2013).

- **STATUS ECONÔMICO**

“Um rancho, rancho de pobe...

- Auau!

Cachorro de pobe, cachorro de pobe late fino...

- Tá me estranhanocruvina?

Era cruvina mermo. Balançô o rabo. Não sei porque cachorro de pobe tem sempre nome de peixe: é cruvina, traíra, piaba, matrinxã, baleia, piranha.

Há! Maguin mas caçadozin como o diabo!

Cachorro de rico é goordo, num caça nada, rabo grosso, só vive dormindo. Há há ... num presta prá nada, só presta prá bufar, agora o nome é bonito: é white, flike,

rex, whisky, jumm.

Há! Cachorro de pobe é ximbica!” (linhas 40-50)

Nesse trecho podemos identificar o fator referente ao status econômico, ou seja, o prestígio social decorrente dos bens. Notemos que o autor observa a diferença que há entre o rico e o pobre através dos nomes de seus animais de estimação. Os cachorros dos pobres recebem nomes que remetem a ideia de comida enquanto os cachorros dos ricos recebem nomes estrangeiros, de difícil pronúncia.

Como pudemos analisar no decorrer desta análise, as variações linguísticas são fundamentais à comunicação, tornando o direito da livre expressão da fala em uma realidade acessível a todos de forma heterogênea.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao término deste estudo fica evidente que a língua é propensa à variações e tais variações caracterizam a diversidade que compõem nosso país. Este estudo demonstra que o fenômeno da variação linguística é real e atingível, como vemos no caso analisado. As discussões acerca de normas, variações e fatores linguísticos ou não linguísticos servem para que possamos refletir através de diversos ângulos, quais são as nossas oportunidades de expressão linguística.

Devemos ter consciência de que não podemos diminuir nenhum tipo de variação ou achar que todos tem que falar ao nosso modo, pois se a língua oferece diversas oportunidades de realização, conseqüentemente teremos diversidades nos falares, e como pudemos averiguar no desenrolar deste trabalho, as características decorrentes do eixo Diatópico são claramente identificadas na obra de Luiz Gonzaga, que por ser sertanejo leva em suas composições o rastro da sua identidade regional e é exatamente essa união entre a língua e sociedade que rege a sociolinguística Variacionista.

O caso Samarica Parteira traz as características do eixo diatópico como fora mencionado anteriormente e através da análise podemos ver como funciona na prática a variação linguística, uma vez que identificamos na fala dos personagens citados na composição, como é uma conversação coloquial de determinada região, no caso, o sertão nordestino.

Finalmente dizemos que este estudo é importante para que haja a conscientização dos nossos poderes e deveres em relação à língua em suas diversidades e independente do nível social, idade, sexo ou escolaridade, podemos nos adaptar às diferenças, porém seguindo as regras cabíveis para cada ato comunicativo, pois a língua ao tempo que nos oferta as diversidades, incube-nos o dever de utilizá-la de forma coerente.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Manuel C. de. O nordeste e a questão regional. In: AZEVÊDO, Neroaldo Pontes de. Modernismo e regionalismo: Os anos 20 em Pernambuco. João Pessoa: Secretaria de Educação e cultura da Paraíba, 1984

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. Nós chegamos na escola, e agora?. São Paulo: Parábola, 2005

MOLLICA, Maria Cecília, BRAGA, Maria Luiza. Introdução a sociolinguística: o tratamento da variação. -4.ed. São Paulo: Contexto, 2013

OLIVEIRA, Luciano Amaral. Coisas que todo professor de Português precisa saber: a teoria na prática. São Paulo: Parábola, 2010

SOUSA, R.M. A sociolinguística na Formação Docente. In: Aprendendo a aprender. Org. Félix, J. d'Arc B. UniCEUB- Faculdade de Ciências da Educação- Guia de formação para professores das séries iniciais-Convênio com a Secretaria de Educação GDF, 2005

TARALLO, F. A pesquisa sociolinguística. São Paulo: Ática, 1985.

TELES, José. Um menino chamado Lua. Recife: Bagaço, 2011.